

INFÂNCIA E REVESES DE UMA VIDA CARANGUEJO

Hidelbrando Lino de Albuquerque*

RESUMO:

Questionar a condição humana das famílias que vivem do mangue, carentes, inclusive de acesso a uma educação de qualidade, refletindo sobre o fazer literário e suas perspectivas sociais a partir da obra "Homens e Caranguejos", do escritor Josué de Castro, com ênfase no personagem "João Paulo" – uma criança – que neste questionamento com os pais dele exercerá a representação literária de crianças carentes que vivem no mangue, nascidas num contexto sócio-cultural pautado na exclusão social, que sofrem sem compreender que seus direitos humanos estão sendo desrespeitados, pois continuam vivendo na lama e alimentando "a lama que alimenta o ciclo do caranguejo".

PALAVRAS-CHAVES: MANGUE, EDUCAÇÃO, CRIANÇAS, EXCLUSÃO

ABSTRACT:

Questioning the human condition of families living in mangroves, poor, including access to quality education, reflecting on how the literary and social perspectives from the book "Men and Crabs", the writer Josué de Castro, with emphasis on character "John Paul" - a child - in this discussion with his parents holding the literary representation of children living in the swamp, born in a socio-cultural context based on social exclusion, suffering without understanding that their human rights are being violated therefore still living in mud and eating "a mud that feeds the cycle of the crab."

KEY-WORDS: MANGROVES, EDUCATION, CHILDREN, EXCLUSION

RESUMEN:

El cuestionamiento de la condición humana de las familias que viven en los manglares, los pobres, como el acceso a una educación de calidad, al reflexionar sobre cómo la literatura y las perspectivas sociales del libro "Hombres y Cangrejos", el escritor Josué de Castro, con énfasis en carácter "Juan Pablo" - un niño - en esta discusión con sus padres, la celebración de la representación literaria de los niños que viven en el pantano, nacido en un contexto socio-cultural sobre la base de la exclusión social, el sufrimiento, sin entender que sus derechos humanos están siendo violados por lo tanto, aún viven en el barro y comer "un barro que alimenta el ciclo del cangrejo".

* Especialista – Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

PALABRAS-CLAVES: MANGLARES, EDUCACIÓN, NIÑOS, EXCLUSIÓN

Introdução

Pretende-se, a partir da obra literária "Homens e caranguejos", do escritor Josué de Castro, questionar sobre a condição humana das famílias que vivem do mangue, carentes, inclusive de acesso a uma educação de qualidade, tomando como ponto de análise para este trabalho um diálogo entre gerações envolvendo os personagens João Paulo e os pais dele. Nesse sentido, de um lado, contribuirá para a análise o personagem João Paulo, "uma criança" que exercerá a representação literária de - crianças carentes - que vivem no mangue. E, do outro, os pais dele.

Estes, adultos, que já trazem em suas vidas uma história de fome e miséria que os acompanham desde a vida no sertão até a dura realidade nos alagados da cidade do Recife: o mangue.

A obra em estudo fora catalogada como um romance brasileiro que possibilita um olhar sobre a descoberta da fome já nos primeiros anos de vida da criança João Paulo, nos mangues da cidade do Recife, naquele mar de misérias. Portanto, o tecido literário em análise.

Josué de Castro, o autor da obra em estudo, foi cientista e professor universitário no Brasil e no exterior. Ele idealizou e implementou uma série de políticas e órgãos de Estado visando à melhoria das condições de vida e saúde da população. Embaixador do Brasil em Genebra, cassado pelo Governo Militar em 1964, presidiu o conselho da Organização para Alimentação e Agricultura das Nações Unidas (FAO) e foi professor da Universidade de Paris, cidade onde morreu em 1973. Por duas vezes recebeu indicação para o Prêmio Nobel da Paz. Obras de sua autoria foram publicadas em mais de 25 idiomas.

As contribuições teóricas que servem de base para este trabalho buscam sustentação em textos de Mikhail Bakhtin envolvendo a "comunicação na vida cotidiana" e "a pessoa que fala no romance". No tocante "a identidade em questão" buscou-se analisar com o discurso de Stuart Hall a concepção de identidade a cerca do "sujeito sociológico" que representam os personagens da obra apresentada. As abordagens teóricas sobre as questões de Psicologia e Educação foram obtidas a partir de textos de Maria Tereza de Assunção Freitas envolvendo Bakhtin e Vygotsky, priorizando como eixo principal os pensamentos daquele. Permitirá uma breve

reflexão a respeito da “evolução do conceito de infância” as considerações dos estudiosos: Albânia C. M. de Brito Lira e Ivan Cupertino. Tomando por base o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA – pretende-se refletir sobre as crianças que se encontram em condições de miséria, às margens da sociedade, inclusive aquelas que vivem do mangue, carentes de tudo, inclusive de acesso a uma educação de qualidade.

1. João Paulo e seus pais: um diálogo entre gerações

É o lugar onde ocorre a narrativa, que nos convida a questionar por onde passou a noção de inclusão social, a partir do ambiente onde será contada a história de João Paulo e sua família:

“Na madrugada fria de junho, ainda com a cor da noite, mas já soprando um arzinho da manhã, toda a zona dos mangues dorme quieta, atolada na placidez da lama...

... Um relâmpago violento descobre toda a planície encharcada e faz brilhar as folhas gordas dos mangues que se agitam sob o vento forte...

... Pára a chuva com a saída do sol e, à luz do dia, surge nítida essa estranha paisagem do charco, mistura incerta de terra de água, povoada de estranhos seres anfíbios – os homens os caranguejos que habitam os mangues do rio Capibaribe.

Os mangues do Recife são o paraíso do caranguejo. Se a terra for feita para o homem, com tudo para bem servi-lo, o mangue foi feito especialmente para o caranguejo. Tudo aí é, foi, ou está para ser, caranguejo, inclusive a lama e o homem que vive nela.” (CASTRO, 2003, p. 7-9)

Nesse contexto, se inicia ao amanhecer, o diálogo entre gerações:

“... Com a boca cheia da carne branca de caranguejo, João Paulo pergunta:

– Pai, por que a gente veio morar aqui no mangue?

– Porque quando viemos do interior foi aqui que encontramos a nossa promessa, o nosso paraíso – responde Zé Luis com uma voz tranqüila.

– Paraíso dos caranguejos – acrescenta em tom de revolta a mãe de João Paulo.

Mas o menino volta à carga:

– Mas, por que aqui no mangue, por que não fomos morar na cidade, do outro lado do mangue? Lá é tão bonito, tão diferente, é como se fosse um outro mundo.

– Foi o destino, João Paulo, que nos trouxe aqui – responde o pai.

– Lá do outro lado é o paraíso dos ricos, aqui é o paraíso dos pobres – diz-lhe a mãe fitando-o bem dentro dos olhos.

Mas os olhos do menino abrem-se apenas um pouco mais, e continuam com a mesma expressão de interrogação, mostrando que não entendera por que sua família, havendo tantos lugares bonitos no mundo, tinha escolhido para viver aquele lugar tão triste e tão feio. Por que tinha escolhido para morar a lama negra do mangue?”(CASTRO, 2003, p. 10-11)

Após esse breve diálogo, a conversa entre os personagens se encerra no *corpus* da narrativa literária, deixando para o leitor atento a responsabilidade de perceber nas entrelinhas, a forma sutil como o texto se apresenta convidando a refletir sobre a condição humana das famílias que vivem do mangue, carentes de tudo, haja vista que a situação de miséria apresentada já se alastrara aglutinando todos que fazem parte daquela família.

Nesse contexto, se percebe através do “diálogo partido” entre ambas as representações (criança e adultos) a necessidade de um olhar sobre a prática da *comunicação na vida cotidiana* tendo em vista que conforme Bakhtin “esse tipo de comunicação é extraordinariamente rica e importante. Por um lado, ela está diretamente vinculada aos processos de produção e, por outro lado, diz respeito às esferas das diversas ideologias especializadas e formalizadas.” (2002, p. 37). Nota-se que o personagem João Paulo procura dar força ao seu discurso durante o questionamento apresentado aos pais dele, nos revelando que “a *palavra* é o *fenômeno ideológico por excelência*” (BAKHTIN, 2002, p. 36), haja vista que são as palavras daquela criança que se revelam como expressão semiótica: “...o menino volta à carga...”; “...os olhos do menino abrem-se apenas um pouco mais, e continuam com a mesma expressão de interrogação...” convidando-nos a refletir sobre a sua condição de vida inadequada vivida naquele ambiente que era para pertencer apenas aos seus reais proprietários, a saber: os caranguejos.

Percebe-se no questionamento de João Paulo um processo de formação do eu que consegue abarcar as três categorias presentes do pensamento bakhtiniano:

o “eu-para-mim (como me percebo, minha própria consciência), o eu-para-os-outros (como apareço aos olhos dos outros), o outro-para-mim (como percebo o outro), todas elas consistem em indagar como o eu estabelece a sua relação com o mundo, tendo em vista que é o próprio mundo externo que se torna determinado e concreto para o sujeito que com ele se relaciona. (2003, p.125).

Essa ruptura que o diálogo promove torna-se relevante em vista de novos olhares possíveis que o tecido literário sugere em tempos atuais, dando espaço ao discurso possibilitando a quebra – mesmo que de forma inicial – no processo de aculturação no qual ainda estão inseridos crianças e jovens. Essa relevância comunga com os ideais que propõem e orientam as leis e entidades que vêm tentando promover a inclusão social, como por exemplo: ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente; CONANDA – Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente; UNICEF – Fundo das nações Unidas para a Infância; Fundação ABRINQ, entre outros que desenvolvem ações voltadas ao respeito e integridade das crianças e adolescentes.

Outro fator relevante na formação do eu é a *comunicação na vida cotidiana*, esta que era para ser considerada como natural, tem se apresentado cada vez mais ausente nos meios familiares. Parece que independentemente da categoria econômica, constata-se, que a falta de diálogo tem sido um problema que vem dando vazão à conseqüências maiores na vida em sociedade. Nesse sentido, o fato lingüístico não pode ser considerado apenas como uma realidade física, já que seria necessário inseri-lo na esfera social, para tornar-se um fato de linguagem, reconhecido como indispensável ao meio social.

A partir do questionamento do personagem João Paulo, observa-se que:

“o sujeito que fala no romance é sempre, em certo grau, um *ideólogo* e suas palavras são sempre um *ideologema*. Uma linguagem particular no romance apresenta sempre um ponto de vista particular sobre o mundo, que aspira a uma significação social. Precisamente enquanto *ideologema*, o discurso se torna objeto de representação no romance e, por isso, este não corre o risco de se tornar um jogo verbal abstrato” (BAKHTIN, 2002, p. 135)

Percebe-se na fala do personagem que seu discurso não se trata apenas de um jogo verbal abstrato, mas de uma postura refletida a partir de uma linguagem particular que consegue demonstrar em certo grau a compreensão do meio social no qual ele está inserido, tornando-o capaz de obter através de seu questionamento uma significação social que o caracteriza como um *ideólogo*.

2. João Paulo: pegador de guaiamu

“Pegador de guaiamu” é uma atividade que era para ser realizada por adultos. João Paulo é considerado pelo personagem Padre Aristides como o melhor pegador de guaiamu que ele encontrara na vida. A construção de uma identidade à luz dos olhos

de um representante da Igreja era para aquela criança motivo de orgulho, mesmo quando ela (a criança) demonstrava não conhecer à risca todos os mandamentos “de cor” de sua religião.

O cognome com o qual ele era conhecido ainda na condição de criança, permite relembrar como as crianças – de modo geral – eram tratadas na Idade Média, ou seja, como adultos. Naquela época

“não havia separação entre a fase da infância e a da vida adulta: as crianças eram tratadas como se fossem adultos em miniatura. Isso nos informa sobre a não definição de um lugar a ser ocupado pelas crianças e outro pelos adultos, o que elimina, naturalmente, o processo de preparação da criança para a vida adulta.

Os únicos cuidados exclusivos com a criança aconteciam nos primeiros anos de vida, enquanto elas ainda eram totalmente dependentes da atenção dos adultos. Uma vez passada essa fase, a criança já se integrava ao mundo do trabalho, das rotinas, dos assuntos, das decisões e da repetição da vida adulta.

Essa situação, observada do ponto de vista pedagógico, nos informa sobre o fato de que todo o processo de aprendizagem pelo qual a criança passava não era mediado pela escola. Aprendia-se na vivência cotidiana com os adultos. Assim, as profissões, os valores, as formas de comportamento eram vivenciados, muito mais do que ensinados em espaços específicos.” (LIRA e CUPERTINO, 2008, p. 302-303)

Nesse sentido, em tempos modernos, há necessidade de se questionar sobre as crianças que ainda estão vivendo como acontecia na Idade Média.

A representação literária de João Paulo mostra um personagem que não brinca, não estuda, inserindo-o cada vez mais num ciclo de amizades consideráveis para a sua formação fora da escola, através da vivência cotidiana com os adultos. Entre eles, o padre, auxiliando paulatinamente em sua formação religiosa; o amigo (adulto) Cosme em suas conversas sobre a vida e como deve ser observada mesmo a partir de “um pedaço de espelho quebrado”, numa visão metafórica do cotidiano no mangue.

Assim, essas amizades podem ser consideradas como uma espécie de ajuda na construção do sujeito sociológico de João Paulo considerando que

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava. G. H. Mead, C. H. Cooley e os interacionistas simbólicos são as figuras-chave na sociologia que elaboraram esta “concepção” interativa da identidade e do eu. De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica em questão, a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem.” (HALL, 2005, p. 11)

Colabora também para essa construção do sujeito sociológico o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA numa perspectiva de real inclusão da criança e do adolescente que se encontram vulneráveis perante a sociedade, de forma exposta a situações de alto risco social, já que a partir do personagem João Paulo, é possível perceber a representação de uma gama de crianças e adolescentes que por estarem à margem da sociedade não estão sendo assistidas em conformidade com o que propõe a Lei nº 8.069, de 01 de julho de 1990:

“Art. 6º Na interpretação desta Lei levar-se-ão em conta os fins sociais a que ela se dirige, as exigências do bem comum, os direitos e deveres individuais e coletivos, e a condição peculiar da criança e do adolescente como pessoas em desenvolvimento.

Art. 7º A criança e o adolescente têm direito a proteção à vida e a saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso em condições dignas de existência.

Art. 15 A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas, em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis.”

(ECA, 2005, p. 14-15)

As contribuições aqui apresentadas contribuem para dar sentido e denunciar uma exclusão social que separa, diferencia, priva, colocando à margem famílias, inclusive crianças, frutos de uma diáspora imposta, forçada e incentivada pela seca que mata, corrói e humilha a honra, a moral, o sentimento de ser gente daqueles que tentam viver do que a vida tão pouco oferece para eles.

A vida ensinara a João Paulo mais com os outros, do que com os pais ou a escola. Não se pretende aqui transferir para os pais dele a falta de responsabilidade no tocante à ausência de prática de diálogo na família, tendo em vista que a própria vida já se incumbira de não proporcionar - também - instrução para os pais dele desde os tempos em que eles viviam no sertão, levando a considerara que:

“fora das condições sócio-econômicas objetivas, fora de uma sociedade, não tem nenhuma existência. Só como membro de um grupo social, de uma classe, é que o indivíduo ascende a uma realidade histórica e a uma produtividade cultural.” (FREITAS, 2003, p.126).

Ao que se percebe, João Paulo e a família dele precisam de uma segundo nascimento: “o nascimento social”, tendo em vista que sendo considerados como membros de um grupo social, haveria a necessidade de haver mais interação verbal para gerar vida social, tendo em vista que a interação verbal é considerada como um

produto social e todos os seus elementos resultam numa consciência que não é uma consciência individual, mas uma consciência de classe. De forma infeliz, a família de João Paulo não consegue obter esse tipo de nascimento social.

3. Reveses de uma vida caranguejo

O final da narrativa revela a grande metáfora de “uma vida caranguejo” vivida por João Paulo e os pais dele, como forma de denúncia da condição de vida de famílias que vivem às margens da sociedade, carentes de tudo, refletidas através do drama social daqueles que vivem às margens do mangue, alimentando o ciclo do caranguejo, demonstrando o quanto é deve ser difícil a vida daqueles que sofrem por uma oportunidade de vida mais digna:

“O sol já se vai pondo, quando a procissão alcança a Aldeia Teimosa. Os últimos raios de luz do dia parecem imprimir como uma marca de fogo, no rosto de todos, a profunda dor que os domina. Zé Luiz, com os olhos vermelhos, os lábios ressecados, caminha esgravatando a sua cabeça angustiada, procurando descobrir por que misteriosos caminhos fora seu filho conduzido à morte...

Ninguém seria capaz de ajudar Zé Luis a desvendar o terrível mistério. Pouco a pouco a noite, descendo sobre o mangue, apaga do rosto de Zé Luiz aqueles traços duros que, o dia inteiro, lhe tinham emprestado a expressão de um cangaceiro.

E sobre toda a paisagem do mangue estende-se agora um lençol de sombra, negra mortalha recobrimdo todos os corpos dos mortos da revolução fracassada. Dentre eles, enterrado nos mangues, deve estar, em qualquer parte, o corpo de João Paulo que, com a sua carne em decomposição, irá alimentar a lama que alimenta o ciclo do caranguejo.” (CASTRO, 2003, p. 112)

A forma como o leitor é conduzido a acreditar na provável *morte metafórica de João Paulo* no *corpus* da obra oportuniza questionarmos sobre a condição humana das famílias que vivem do mangue, carentes de tudo, inclusive de acesso à uma educação de qualidade, contribui para uma reflexão sobre o futuro daquelas famílias que se encontram atualmente em situações de vulnerabilidade social.

Considerações finais

As reflexões feitas a partir de “Homens e caranguejos”, do escritor Josué de Castro, possibilitou observar a condição humana daqueles que se encontram à margem de um sistema social que corrói, humilha e degrada a identidade de famílias

carentes, mesmo quando o enfoque trata do diálogo entre gerações envolvendo adultos e criança.

Mereceu destaque para a elaboração deste artigo um olhar diferenciado no que se refere ao questionamento formulado por uma criança – João Paulo – numa perspectiva de se promover uma reflexão sobre a construção de um diálogo que se inicia entre gerações presentes no *corpus* da obra, e aqui representados como sendo uma forma de questionar a condição humana das famílias que vivem do mangue, carentes, inclusive de acesso a uma educação de qualidade. O personagem em análise através do diálogo com os pais dele exerceu a representação literária de crianças carentes que vivem no mangue, nascidas num contexto sócio-cultural pautado na exclusão social, que sofrem sem compreender que os direitos humanos delas estão sendo desrespeitados, pois continuam vivendo de forma inadequada, sem acesso à educação, na lama e alimentando “a lama que alimenta o ciclo do caranguejo”.

Referências

BAKHTIN, Mikail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo, Annablume, 2002. 10ª edição.

_____. *Questões de Literatura e de Estética: teoria do romance*. São Paulo, UNESP, 1993. 3ª edição.

BRASIL. Secretaria Especial de Direitos Humanos. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília, MEC/ACS, 2005.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. *Vygotsky e Bakhtin: Psicologia e Educação: um intertexto*. São Paulo, Ática, 2003. 4ª edição.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 10 ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LIRA, Albânia C. M. de Brito, **CUPERTINO**, Ivan. *Literatura Infantil in: Pedagogia/Fundação Universidade do Tocantins; EADCON*. Curitiba, EADCON, 2008.